

## **Palestra discute a hanseníase no Brasil**

As sequelas da hanseníase, as dificuldades em realizar as atividades cotidianas mesmo após a cura, o medo de contrair a doença novamente, o preconceito. Estes foram alguns dos temas abordados na palestra Hanseníase no Brasil: Avanços e Desafios, realizada na sexta-feira, 29 de janeiro, no Auditório Emílio Ribas do Ministério da Saúde, como parte da programação da Semana do Dia Mundial de Luta contra a Hanseníase. Participaram do debate as coordenadoras do Programa Nacional de Controle da Hanseníase, Maria Aparecida de Faria Grossi; de Pesquisa e Processamento de Demandas da Ouvidoria do MS, Maria Augusta Assirati; e do Grupo de Apoio às Mulheres Atingidas pela Hanseníase (Gamah), Marly Araújo.

O evento contou com a presença de cerca de 50 pessoas, entre funcionários do Ministério da Saúde e pessoas atingidas pela doença e já curadas, mas algumas com sequelas, em virtude do diagnóstico tardio. “Fui de médico em médico, por muito tempo, e ninguém conseguia dizer o que eu tinha”, afirmou Damião Fernandes dos Santos, 34 anos, diagnosticado há seis anos, quando já apresentava sinais claros da doença, como mãos em garra e insensibilidade. A doença o deixou incapaz de prosseguir em sua atividade de borracheiro, e hoje sobrevive de projetos governamentais, como o Bolsa Família, e da ajuda de entidades que prestam assistência a esses pacientes, como o próprio Gamah. “Estou há cinco anos *apanhando* do INSS, para conseguir minha aposentadoria por invalidez, mas quando consigo chegar aos peritos, eles nem querem me examinar”, denuncia Damião, que no próprio dia 29 iria procurar assistência jurídica para reivindicar sua pensão na Justiça.

A história de Damião mostra a enorme carga de preconceito com relação à hanseníase, até mesmo de profissionais de saúde. “Este preconceito é o que mais choca, porque estas são justamente as pessoas que deveriam estar preparadas para ajudar estas pessoas a enfrentar o mal”, afirma a coordenadora do Gamah, ela própria ex-paciente de hanseníase e profissional de saúde. Entre as situações corriqueiras enfrentadas pelos pacientes está o medo que a doença causa aos demais. “Tem gente que joga fora a louça que usamos”, afirma Marly.

Apesar de originalmente reunir apenas mulheres, o Gamah, que funciona há sete anos na cidade de Planaltina (DF), aos poucos foi atraindo também os homens. O primeiro foi Antônio Demétrio Cavalcante, que descobriu ser portador da doença em 2000, aos 58 anos. Ex-trabalhador rural, Antônio foi a segunda das sete pessoas da sua família que contraíram a enfermidade. No Gamah, encontrou alternativas profissionais, como a confecção de tapetes e bijuterias, mas até agora não conseguiu ser beneficiado com uma pensão da previdência social.

Na ocasião, foi lançado o relatório temático da Ouvidoria-Geral do SUS sobre a hanseníase, apontando a existência de 1.793 manifestações sobre a doença, ao longo do primeiro semestre de 2009, o equivalente a 1,5% das demandas recebidas pelo órgão, e representando um aumento de 73% em relação ao mesmo período de 2008. Entre os que buscaram informações sobre doença nesse período, quase 70% eram mulheres e a maioria com idades entre 20 e 34 anos. A coordenadora do PNCH, Maria Aparecida Grossi, apresentou aos participantes a nova série de cartilhas de autocuidados para pacientes com a doença, material que está em fase de finalização editorial e será distribuído ainda em 2010.

As atividades da Semana do Dia Mundial de Luta contra a Hanseníase prosseguem até o início de fevereiro em diversas cidades brasileiras e marca a data, que este ano é 31 de janeiro.